



*O Arcebispo Metropolitano de Buenos Aires e América do Sul, Josif*

---

## HOMILIA DOMINICAL

### Domingo dos santos e teóforos Padres do IV Concílio Ecumênico

**O** Domingo de hoje, IV de Mateus, celebra a memória dos Padres que constituíram o Quarto Concílio Ecumênico em Calcedônia no ano 451. Este Sínodo encerra uma fase dramática de contínuas controvérsias sobre a pessoa de Cristo na vida da Igreja. De fato, as heresias de Apolinário, Nestório e Eutíquio, que perturbaram por anos a Igreja Universal, são finalmente resolvidas dogmaticamente por este evento eminentemente eclesial.

É que a Igreja, em sua plenitude, é contemplada simbolicamente nesta instituição, o sínodo ecumênico, que verdadeiramente é um *evento* sem precedentes em sua vida e que cumpre uma missão única e insubstituível. Esta missão é, naturalmente, **unitiva**, na medida em que busca a unidade última de todos os membros do corpo eclesial; santa, pois se baseia no testemunho dos profetas, apóstolos e santos e, seu objetivo último é buscar e promover a purificação e iluminação de todos os seus membros; também é católica, ou *seja, universal*, uma vez que se dirige a todos os homens de boa vontade em todos os cantos da terra, sem qualquer distinção; enfim, é **apostólica**, pois, com base no *kerigma* dos pescadores, busca replicar a experiência do pentecostes vivida por eles e estendê-la aos confins do mundo de acordo com o mandamento divino: «*Ide, pois, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos*». (Mt 28:19,20)

O concílio ecumênico é a *Igreja toda que fala, se expressa, proclama a Verdade evangélica a toda a ecumene* para a purificação, elevação e transcendência de todos os homens. O «*oikos*» de Matinas de hoje interpreta de forma alegórica a função da Igreja no contexto deste «evento» que não deve ser confundida com uma instituição religiosa autoritária, mas como uma oportunidade excepcional para expressar a consciência de todo o corpo em benefício de todo o mundo:

*«Escutemos a Igreja de Deus proclamando  
De maneira suprema:  
'Se alguém tem sede, venha a mim e beba'.  
Pois o cálice que eu ofereço é o da sabedoria,  
E, esta bebida, eu a ofereço por causa da Verdade.  
Não transbordarei, pois, a água da rebeldia,  
mas a água da confissão;  
o novo Israel bebendo desta água  
contemplará a Deus dizendo:  
'Olhai, olhai, Eu-sou; Eu, o mesmo, e não mudarei,  
Eu sou o Primeiro e o Último, fora de Mim, não há deus'.  
Portanto, aqueles que tomarão ficarão saciados  
e louvarão o grande mistério da piedade».*

O hinógrafo põe na boca da Igreja as palavras do próprio Cristo: *«Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Aquele que crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva fluirão de seu interior»* (Jo 7:37). O conteúdo do cálice é a Verdade - a pura realidade das coisas - que é expressa na forma da sabedoria para corrigir qualquer deturpação da realidade e proclamar para que todos os homens possam se beneficiar dela.

O que este cálice oferece - sem dúvida, uma referência eucarística - é a confissão da realidade proclamada que, como bebida oferecida na Divina Liturgia, deve ser comungada, ou seja, livremente compartilhada por todos os membros do corpo que creem, contemplam e aspiram o mesmo. Esta bebida não é como a oferecida por aqueles que deturpam a Verdade e produzem divisão e rebeldia entre os membros do corpo; pelo contrário, sendo uma confissão de fé, busca a unificação, a pacificação, a concórdia entre todos os membros do corpo que têm o mesmo *«fronema»*, ou seja, a mesma (auto-)consciência, a mesma atitude de vida, a mesma busca pela perfeição na maior e mais completa das liberdades e diversidade.

Este corpo místico de Cristo - a Igreja - é o novo Israel que, ao compartilhar a mesma confissão de fé, tem a oportunidade *de contemplar* o mesmo Deus. É claro que é necessário compreender que a confissão de fé não é uma mera fórmula dogmática elucubrada e caprichosamente imposta por aqueles que detêm autoridade religiosa para justificar realidades que não podem ser demonstradas pela razão. ***A confissão de fé é, acima de tudo, a base e a garantia de um modo de vida.*** E expressa-se imperativamente de forma dogmática enquanto continuidade do *kerigma* apostólico e, neste quadro, deve proteger e proclamar os pressupostos teológicos que garantem que esse modo e atitude estejam de acordo com a consciência do corpo, que é a própria do Cristo.

Este Deus que, afinal, está presente em todo esse processo através de seu Espírito Santo, proclama a verdade última: *Eu-sou-o-que-sou* (fui e serei). Estas palavras revelam a identidade do Deus de nossos antepassados, tal como se revelou e falou *«boca a boca»* com Moisés. Estamos nos referindo, então, ao

«Logos» incriado de Deus tal como, de maneira incorpórea se revela no A.T aos antepassados patriarcas e profetas e, no final dos tempos, se encarna e se revela a toda a humanidade.

Ele é o Deus, imutável, eterno, inefável que, na hipóstase do Filho, toma a natureza humana e a une «*en-hipóstasis*» à sua própria natureza divina, preservando a alteridade ontológica de cada uma delas sem mutação nem confusão na única pessoa de Jesus Cristo através da união hipostática. Esta é a realidade - a confissão de fé - que o Quarto Concílio Ecumênico de Calcedônia através de seus 630 Padres Teóforos dá a conhecer e proclama para todo a *ecumene*. Por ela, nós cristãos temos a oportunidade de seguir imitando e identificando-nos com o Cristo-Messias, e temos a garantia de que esse modo de vida está de acordo com a vontade d'Aquele que nos resgatou do pecado e da morte.

Portanto, como diz o «*Oikos*» da festa, somos continuamente *saciados*, ou seja, temos a plena segurança de que não erramos em nossa atitude e modo de vida que aprendemos com a exortação apostólica e buscamos realizá-la: «*Exorto-vos, pois (...), que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz. Livrem-se de toda amargura, indignação e ira, gritaria e calúnia, bem como de toda maldade. Sejam bondosos e compassivos uns para com os outros, perdoando-se mutuamente, assim como Deus vos perdoou em Cristo*». (Ef 4:1-3; 31-32)

Este é o mistério da piedade e nós o compreendemos, assimilamos e o veneramos litúrgica e misticamente - aqui e agora - e em cada instante de nossas vidas, em nossa vida cotidiana, na hora das provas e quando somos salvos dela; este é mistério da piedade e nos regozijamos nele, e por isso seguimos adiante lutando o bom combate, terminando a corrida e conservando a fé (2Tm 4:7).

O Mistério da Fé: «*Deus conosco*» - *μεθ' ἡμῶν ὁ Θεός*.

E se Deus está conosco, quem poderá estar contra nós? Amém.